

UM SÍMBOLO

A Rua da Rosa transformou-se já hoje num símbolo! Não por si mesma — imenso amontoado de gente pobre e trabalhadora no coração do Bairro Alto desta doida Lisboa — mas pelo que nela acaba de nascer do inteligente carinho de alguns corações um pouco maiores do que a vulgaridade dos outros corações.

Fomos visitar o «Centro Social n.º 1» que a Misericórdia de Lisboa ali montou segundo os preceitos da mais moderna e crítica assistência social. E confessamos ter feito nosso ao sair, o comentário de um outro visitante: começo agora a acreditar!

De facto, tão habituados andamos à mais lamentável rotina, vendo os problemas sociais tantas vezes encarados com confrangedora miopia, e as soluções entrançadas por tantas e tão inconcebíveis pelas burocráticas e tantas e tão tacanhas preocupações de obsoletos melindres pessoais, que assistir ao franco rasgar de uma janela para o futuro num largo e decisivo arejamento de todo o bafo acumulado, faz-nos o efeito de um revulsivo, a impedir-nos para as magníficas regiões da esperança e da fé, não só em mais vastas realizações futuras, como também nos homens que souberam dar, sem hesitações, o necessário passo em frente.

Retoma assim a Assistência aqueles velhos e antigos rumos do verdadeiro e devotado amparo ao irmão em sofrimento, na ânsia de não mais o ver sofrer.

Quando Moisés conduzia o seu povo, do longo e humilhante cativeiro do Egipto para a radiosa terra da Promissão, impôs o Senhor aos peregrinos um preceito a cumprir religiosamente, uma vez de posse da sua nova Pátria: «Não haverá entre vós nem indigente nem mendigo».

As nações cristãs têm-se esforçado por cumprir também o mesmo preceito. Entre nós, porém, apesar de tanto cristianismo apregoado, a Assistência pública e particular nunca souberam tornar efectivo o mandamento divino. Acudiam, sim — e com quanta generosidade, por vezes! — à dolorosa miséria dos pobres. Mas a esmola concedida, se fazia entrar de vez em quando um raiozinho de luz no tugúrio do pobre, nunca soube erguer-lhe o coração para a suave esperança de viver! Esmola de conforto, nunca soube fazer-se certeza de resgate! O miserável continuava a ser-lo, e miserável descia à vala comum.

A Misericórdia de Lisboa, reagindo agora, quebrou arrojadamente os laços que lhe prendiam os movimentos, e entrou afoita nos caminhos da verdadeira assistência social, que não é auxílio para matar a fome, mas impulso para o alto, como quem toma nos braços os que caíram no pó.

A entrada das pequenas povoações do Oriente havia quasi sempre — e ainda por lá existem — montões de lixo e de detritos de toda a espécie, a que deitavam de vez em quando o fogo, para lentamente se consumirem. Chamavam-lhe a montureira pública, lugar favorito dos pobres, dos desamparados, dos repelidos, que ali esperavam a esmola dos transeúntes durante o dia, e ali se aqueciam do cortante frio da noite.

Foi esta a imagem de que se serviu o Salmista, ao descrever a missão social de Cristo: *suscitans a terra inopem et de micora erigens pauperem*: levantará do pó o desamparado e erguerá o pobre da montureira».

Levantar! erguer! eis a verdadeira missão do cristianismo, através dos tempos. Erguer o escravo da baixaza da sua condição, o servo da humilhação do seu destino, o pobre da miséria do seu viver.

Levantar, erguer, eis também a missão da Assistência Social.

Ao percorrer o «Centro» da rua da Rosa, ao examinar os planos e os projectos, o trabalho já feito e tudo o que se vai fazer, verificamos, alvoroçadamente surpreendidos, que a Mi-

sericórdia de Lisboa encetou novos rumos assistenciais, no ingente esforço de melhorar as condições de vida dos habitantes pobres da capital, fazendo brilhar nas trevas da amargura o sol pleno da alegria e da vida.

Porque nada falta nos admiráveis planos já traçados, desde o amparo às parturientes, do auxílio aos filhos e às mães, e da vigilância amiga das crianças, a orientação e formação profissional e moral dos rapazes e raparigas; das visitas aos doentes e do ensino doméstico, ao cuidado das famílias e à defesa do salário dos trabalhadores; da protecção aos enfraquecidos, até à profilaxia atenta de todos os males físicos ou morais, é que realmente nos saiu da alma aquele grito espontâneo de que começamos, na verdade, a acreditar.

Mais impressionados ainda, por termos verificado que começava a falar-se da rua da Rosa, aqui e além, não só entre os pobres (que háo-de ser os principais beneficiados) mas também entre o pessoal e os chefes, com visível aprazimento e alegria. Para todos eles, a rua da Rosa começa já a ser um símbolo, um marco na história da Assistência em Portugal.

Só isto bastaria, para justificar a sinceridade e o alvoroço com que queremos manifestar ao ilustre Sub-Secretário da Assistência e à Mesa que preside aos destinos da Misericórdia de Lisboa, não só os nossos aplausos, como também a mais profunda admiração pelo rasgado espirito de iniciativa e de compreensão, de que deram inimitáveis provas com a montagem do primeiro Centro Social dos miúdos que se estão preparando, para acabar de vez com a vergonhosa miséria que se abriga sob o lindo céu da nossa capital.

ABEL VARZIM.